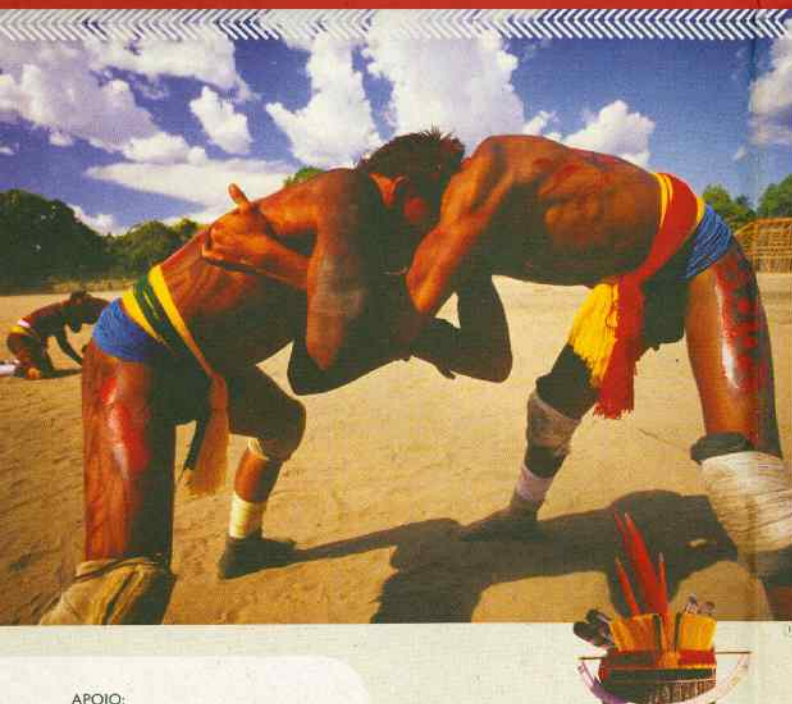


O PARQUE INDÍGENA DO XINGU

O CARTÃO POSTAL DO INDIGENISMO BRASILEIRO TORNOU-SE UMA
ILHA DE PRESERVAÇÃO AMBIENTAL NO CORAÇÃO DO BRASIL

O Parque Indígena do Xingu está localizado no Estado do Mato Grosso e possui 2.642.003 hectares de extensão. As negociações envolvendo sua criação tiveram início em 1952, em meio a uma política regional de incentivo à colonização agrícola. Homologado em 1961 pelo presidente Jânio Quadros, o parque teve sua área reduzida a um quarto da proposta original, que incluía as nascentes de seus rios formadores, criando uma série de problemas à sustentabilidade de sua população. A demarcação física foi concluída em 1978. Localizado em uma região de transição ecológica entre savana e floresta amazônica, o Parque do Xingu possui diferentes paisagens em seus limites, como cerrados, florestas de várzea, campos e florestas de terra firme.



O RITUAL DO KWARUP

A articulação entre os diferentes grupos do Alto Xingu acontece de várias formas. Além de contatos cotidianos, um conjunto de rituais abarca a relação entre as aldeias, a iniciação de jovens, os mitos de criação da humanidade, entre outros temas.

O ritual funerário Kwarup (em kamaiurá), o mais conhecido entre eles, é voltado a homenagear homens importantes falecidos. Sua produção envolve a ação de parentes que preparam as diversas etapas do ritual: a construção de uma cerca em volta da sepultura do homenageado, o canto acompanhado do chocalho maracá e a pintura corporal, a coleta do pequi e o armazenamento de alimentos, as danças acompanhadas da flauta uruá e o convite às aldeias aliadas.

No Kwarup, o líder falecido e os demais homenageados são representados por troncos colocados de pé, lado a lado, e ornados com pinturas, cintos masculinos e adornos plumários, tornando-se assim o

EX-INIMIGOS EM PAZ

Cerca de 5 mil pessoas vivem em mais de 70 aldeias no parque.

A região sul, conhecida como Alto Xingu, abriga dez povos diferentes: aweti (falante de uma língua do tronco tupi), kalapalo, kuikuro, matipu e nahukwá (de línguas da família karibe), kamaiurá (de língua tupi-guarani), mehinako, waujá e yawalapiti (de língua arawak) e trumai (falante de uma língua não classificada em nenhuma família). O universo cultural alto-xinguno é marcado pela convivência pacífica de povos diferentes que compartilham um conjunto de costumes, como o do Moitará (ritual de troca de objetos), a realização de casamentos intergrupais e a predominância do peixe sobre a carne na dieta cotidiana. A maioria dos povos que vivem no Médio e Baixo Xingu já habitava tradicionalmente a região. Com exceção dos yudjá (ou juruna, do tronco tupi), que se deslocaram voluntariamente para a área, todos os outros grupos foram levados para lá durante o processo de expansão agrícola ocorrido em todo o Brasil Central. Removidos pelos irmãos Villas-Boas, os ikpeng (karibe), os kaiabi (tupi-guarani) e os kisédjê (ou suyá, de língua macrojê) eram inimigos tradicionais dos povos do Alto Xingu, mas acabaram aceitando seu deslocamento para o interior do parque. A partir dos anos 1990, os panará e os kisédjê iniciaram um processo de recuperação de seus territórios tradicionais e agora vivem nas Terras Indígenas Panará (MT e PA) e Wawi (MT), respectivamente.



Y Ikatu Xingu

Uma campanha para limpar o rio Xingu

Na década de 1990, o desmatamento no entorno do parque chamou atenção da população indígena. O assoreamento das nascentes do rio Xingu ameaçava a qualidade da água e a sobrevivência de seus povos. Surgiu então a campanha Y Ikatu Xingu – que em kamaiurá significa “salve a água boa do Xingu” – envolvendo índios, pesquisadores, organizações da sociedade civil, produtores e trabalhadores rurais, assentados, movimentos sociais e as instâncias de governo em um esforço conjunto para a recuperação das áreas degradadas. Iniciativas como a coleta e comercialização de sementes nativas, o plantio de mudas, estudos de saneamento básico, melhorias na prática agropecuária, formação de agentes socioambientais têm produzido resultados positivos em direção à redefinição do modelo de desenvolvimento regional aliado à sustentabilidade. Saiba mais sobre a campanha Y Ikatu Xingu no site <http://www.yikatuxingu.org.br>



Y Ikatu Xingu
Salve a Água Boa do Xingu

REGIÃO DAS CABECEIRAS DO RIO XINGU DESMATAMENTO ATÉ 2007

